

Filosofia, investigação e ensino na universidade

Desidério Murcho
King's College London
desiderio.murcho@kcl.ac.uk

I Congresso Internacional sobre Filosofia na Universidade
VI Simpósio Sul Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia
VIII Encontro de Cursos de Filosofia do Sul do Brasil

Filosofia na Universidade

Universidade Estadual de Londrina
10, 11 e 12 de Maio de 2006

“Descemos a um ponto tal que a reafirmação do óbvio é o primeiro dever dos homens inteligentes.”
(Orwell, 1939, p. 107)

Sem um ensino de qualidade não é possível a investigação de qualidade.

Investigação

- Descobrir ou propor ideias novas, que sejam importantes e influentes.

Estudo

- Exposição do que os investigadores fazem, sem contribuir para tal investigação.

Sem um ensino de qualidade, os estudantes chegam mal formados ou deformados à pós-graduação e ao doutoramento.

Valores académicos

- Procura desinteressada (imparcial) da verdade.
- Amor pela precisão.
- Curiosidade e humildade intelectual.
- Respeito pelas provas e pela argumentação clara e directa.

Fazer ciência não é compilar e compreender os resultados alcançados.

Fazer ciência é investigar: descobrir ideias novas, enfrentar novos problemas, propor soluções criativas.

Fazer filosofia não é

- Recolher citações dos autores com os quais se concorda.
- Caricaturar autores de quem se discorda.
- Fazer saltos lógicos (*non sequiturs*).
- Fazer afirmações portentosas baseadas em:
 - Maus argumentos de autoridade;
 - Supressão de provas.

Formalismo no ensino

- Incapacidade para aplicar conhecimentos.
- Incapacidade para usar criativamente os conhecimentos para resolver problemas novos.
- As matérias estudadas tornam-se meras sequências de fórmulas e palavras, sem qualquer significado real.

O formalismo no ensino conduz
ao formalismo na investigação

e vice-versa.

“Para aqueles cujos papéis envolviam primariamente a execução de serviços, por oposição com a assunção de responsabilidades de liderança, o padrão básico parece ter sido uma resposta às obrigações invocadas pela liderança que eram concomitantes ao estatuto de membro na comunidade societal e em várias das suas unidades segmentadas. A analogia moderna mais próxima é o serviço militar executado por um cidadão comum, excepto que o líder da burocracia egípcia não precisava de uma emergência especial para evocar obrigações legítimas.” (Citado em Andreski 1972)

No antigo Egipto, as pessoas comuns podiam ser recrutadas para trabalhar.

Investigação e ensino de qualidade: a linguagem especializada está ao serviço da precisão e sofisticação das ideias.

Formalismo: as ideias estão ao serviço da exibição de uma linguagem carnavalesca que pretende denotar superioridade.

O formalismo prostitui a actividade intelectual.

O ensino de qualidade simplifica e apresenta os aspectos centrais da disciplina em causa.

Quando não há bom ensino, o investigador não pode basear o seu trabalho no trabalho dos seus antecessores:

Porque o desconhece;

Porque o conhece mal;

Porque o compreende mal.

Mau ensino da filosofia

- Substitui o ensino da filosofia pelo ensino da história da filosofia.
- Adota um estilo iniciático e religioso: o professor apresenta-se como um Mestre Iluminado, cujas ideias e (falsas) autoridades preferidas não podem ser colocadas em causa pelo estudante.

O crucial na filosofia é a discussão

crítica,
pormenorizada,
rigorosa e
imparcial

de problemas fundamentais e importantes.

Em nenhuma das outras grandes civilizações se assiste a este fenómeno único: cientistas, filósofos e pensadores, médicos e astrónomos, intelectuais, em suma, que se distanciam e criticam explicitamente as ideias dos seus colegas (Lloyd 1989).

Em todas as outras culturas, o peso da autoridade e da tradição é de tal forma brutal que nenhum intelectual se atreve a discordar de uma autoridade.

Ensinar filosofia correctamente não é como ensinar a apreciar obras de arte; nem é como ensinar história da filosofia.

Ensinar filosofia correctamente é ensinar a pensar criticamente sobre os problemas, teorias e argumentos da filosofia.

No bom ensino da filosofia, o estudante tem de tomar posição;

não pode limitar-se a relatar correctamente as ideias dos filósofos.

Os elementos da filosofia

```
graph TD; A[Os elementos da filosofia] --> B[Problemas]; A --> C[Teorias]; A --> D[Argumentos]; C --> E[Conceitos]; D --> E; B --> E;
```

Problemas

Teorias

Argumentos

Conceitos

Para discutir correctamente as ideias dos filósofos é necessário começar por compreender correctamente o problema que está em causa.

- O que é uma acção?
- É o livre-arbítrio compatível com o determinismo?
- Será que a diversidade cultural implica o relativismo cultural?

Alguns conceitos são noções de base: noções com as quais os filósofos, na sua maioria, concordam, para que possam estar a discutir a mesma coisa.

Outros conceitos são noções substanciais: noções cuja caracterização ou definição filosófica é amplamente disputada.

Em filosofia, a discussão de ideias é em grande parte condicional ou hipotética.

Para compreender cabalmente uma teoria de um filósofo, é necessário saber:

- Como se articulam os diferentes aspectos da teoria.
- Como responde tal teoria ao problema filosófico que se propõe resolver.
- Se a teoria é plausível.
- Se a teoria é mais plausível do que as teorias alternativas.

É necessário procurar os argumentos ou razões que os filósofos apresentam a favor das suas ideias.

Um argumento é muito diferente de uma simples afirmação.

As afirmações não oferecem qualquer razão para as aceitarmos.

- O livre-arbítrio é uma ilusão.
- A ética é relativa à sociedade.
- Não é possível definir a arte.

Um argumento é um conjunto de afirmações de tal modo organizadas que se pretende sustentar uma delas (a conclusão) recorrendo às outras (as premissas).

1. A ciência mostra-nos que, à exceção do mundo atômico, tudo está causalmente determinado.
2. Se tudo está causalmente determinado, não pode haver livre-arbítrio.
3. Logo, não há livre-arbítrio.

Um argumento é válido quando é impossível, ou muitíssimo improvável, que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa.

Um argumento sólido é um argumento válido com premissas verdadeiras.

Não basta que um argumento seja sólido para ser bom.

É preciso que, além de sólido, tenha premissas mais plausíveis do que a sua conclusão.

A força de um argumento nunca é superior à força da mais discutível das suas premissas.

Se Deus existe, a vida faz sentido.

Deus existe.

Logo, a vida faz sentido.

Argumento bom ou forte

1. É válido.
2. É sólido.
3. Tem premissas mais plausíveis do que a conclusão.

Para podermos discutir a posição de um filósofo temos de apresentar argumentos a favor ou contra essa **posição** – quer o filósofo em causa tenha apresentado argumentos, quer não.

Ensinar filosofia correctamente é fornecer aos estudantes instrumentos de análise crítica; e, por via da discussão aberta, estimulá-los a pensar em ideias, objecções e contra-exemplos imaginativos.

Sem imaginação não há boa filosofia.